O passo do macaco

poema dramático

Sérgio Medeiros

O passo do macaco

poema dramático

Copyright © 2021
Sérgio Medeiros

Copyright © desta edição
Editora Cultura e Barbárie

Projeto gráfico, capa e editoração
Paulo Roberto da Silva

Ilustrações de capa e miolo
Sérgio Medeiros

Revisão
Sérgio Medeiros

Ficha catalográfica

M488p Medeiros, Sérgio, 1959-
O passo do macaco : poema dramático [Recurso eletrônico on-line] / Sérgio Medeiros. 1. ed. – Desterro [Florianópolis] : Cultura e Barbárie, 2021.
72 p. : il. 21 x 28 cm

ISBN 978-65-87529-05-9 (e-book)

1. Poesia visual brasileira. 2. Poema. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Catalogação na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

2021
Cultura e Barbárie Editora
www.culturaebarbarie.com.br | contato@culturaebarbarie.com
Desterro [Florianópolis/SC]

Sérgio Medeiros

O passo do macaco

poema dramático

Somos novos primitivos de uma nova era e recomeçamos a reviver o ritual, o gesto expressivo, mas já dentro de um conceito totalmente diferente de todas as outras épocas.

Lygia Clark

Sumário

O som dos hieróglifos no museu *** 11

O mundo se esmigalha na galeria de arte *** 12

As migalhas das migalhas no ateliê do artista *** 18

Exposição do totem *** 37

Residência artística *** 45

Posfácio UM *** 63

Posfácio DOIS *** 67

O som dos hieróglifos no museu

Manhã de verão.

Um museu branco. Porta aberta.

Parado em pé diante da porta de uma sala o “espectador” contempla as suas paredes nuas fortemente iluminadas pelo sol das 10.

A sala cheira à tinta úmida; talvez o “novo” museu não tenha sido ainda reinaugurado (é uma construção ao mesmo tempo velha e nova).

Subitamente ascende de um porão no meio da sala (o alçapão deslizou silencioso) um “espírito” adulto sentado numa cadeira de rodas; seu rosto negro está voltado para a porta aberta.

Ele segura em sua mão direita uma latinha com moedas, que não para de agitar.

Essa é a música dos hieróglifos, que ficará soando no museu até o próximo ato.

O mundo se esmigalha na galeria de arte

Manhã de verão.

Uma galeria de arte branca. Porta aberta.

Parado em pé diante da porta de uma sala o "espectador" contempla as suas paredes nuas fortemente iluminadas pelo sol das 11.

A galeria de arte parece abandonada.

Subitamente ascende de um porão no meio da sala (o alçapão deslizou silencioso) a cabeça de um "espírito" adulto; seu rosto pálido (branco como papel) está voltado para a porta aberta. Ele emerge inteiramente.

O "espírito" se põe então a escrever com carvão numa das paredes. Repentinamente, o "espírito" multiplica sua aparência e na sala surgem seis "espíritos" adultos, mas não idênticos entre si. Um é português, os outros são asiáticos, indígenas e africanos. Usando carvão, todos eles se põem a escrever freneticamente nas paredes.

Ouve-se de repente uma voz poderosa, de origem desconhecida, que se dirige ao "espectador"; ele permanece em pé no mesmo lugar.

Quando essa voz do outro mundo se calar, as vozes dos "espíritos" finalmente serão ouvidas, uma de cada vez, lendo os poemas escritos a carvão nas paredes da sala; algumas vozes soarão às vezes descontroladas (muito agudas ou altas).

Nenhum "espírito" ficará mudo.

VOZ PODEROSA [em *off*]: Se o mundo se esmigalhasse, só sobrariam pedacinhos. Só isso, não é mesmo? Digamos que uns poucos artistas possam ter testemunhado a cena (enquanto ascendiam um a um do mundo, o qual não existe mais). Depois, decidiram, aqui chegando, escrever (para nosso deleite?) o que viram ou vislumbraram então. E onde escreveriam, se não houvesse mais papéis? Ora, nas paredes desta galeria de arte esvaziada de obras, aonde vieram se abrigar os referidos espíritos artísticos. Depois, cada espírito leria em voz alta e eventualmente corrigiria diante de nós (se fosse o

caso) a sua visão do que sucedera na Terra. Se o mundo se esmigalhasse, mas esta sala fosse preservada, a arte poética poderia nos mostrar algo crucial: que o mundo antigo foi substituído pelo mundo da arte atual, abrigado nesta casa empoeirada. Na beira de uma das migalhas do mundo, numa migalha flutuando a esmo no cosmos, iríamos a uma galeria para testemunhar a arte refazer o que foi fulminado quando o mundo se esmigalhou. Talvez a galeria, qual uma estação espacial, paire agora quase sem trepidações sobre os destroços do mundo. Talvez esta sala, esta galeria de arte, este ateliê contemporâneo, onde certas sombras estão reunidas, seja o único *décor* a que se pode aspirar agora...

VOZ 1: Não sei ler o que escrevi na minha língua inventada: a mais pura caligrafia fantasiosa. Escrita ancestral. São hieróglifos.

Mas talvez esses hieróglifos queiram dizer que / quando o mundo estremeceu / o calor subiu / uma moto passou com rapidez pilotada pelo senhor que usava apenas um calção frouxo / o qual expunha a impoluta brancura das suas coxas e das suas costas curvas // uma mulher rechonchuda vestindo um casaco marrom fechado até o pescoço e uma calça bege apertada também avançou / bem vagarosa / pilotando uma moto menor /// com as pernas no ar bem esticadas para a frente / um homem de preto usando uma máscara também preta / sobressaía numa moto mais ampla e mais baixa do que as outras duas / e deslizava no asfalto escaldante como se estivesse num trenó na neve.

VOZ 2: Não sei ler o que escrevi na minha língua inventada: a mais pura caligrafia fantasiosa. Escrita indígena. São hieróglifos.

Mas talvez os hieróglifos queiram dizer que / quando o mundo estremeceu / as pernas / os pés / os braços / as mãos se movimentaram mais do que os olhos e a boca // pois então ficou sozinha no caminho a lenta cabeça com pescoço gordo // máscaras arreganhadas caídas nas calçadas cantam / blasfemam / gritam / enquanto uma testa velha se franze toda /// um escudo de antes de Cristo não é mais do que uma casca esverdeada fina sobre um arbusto florescente //// um vestido prateado numa vitrine lembra um emaranhado de arames finos / com brilhos embaçados.

VOZ 3: Não sei ler o que escrevi na minha língua inventada: a mais pura caligrafia fantasiosa. Escrita nativa. São hieróglifos.

Mas talvez os hieróglifos queiram dizer que / quando o mundo estremeceu / houve um estalo na calha seca como se um pombo tivesse pousado nela / mas / sob o sol / o que se viu foi o súbito voo de uma libélula que parecia não saber aonde ir.

VOZES 4, 5 e 6 (leem, de maneira alternada, fragmentos de seus respectivos poemas):

na carroceria baixa em exposição [etc.]

o vaso é uma abóbora [etc.]

bancos novos [etc.]

em cada vaso um rosto rosnando [etc.]

bancos brilhantes empilhados [etc.]

o vaso em si mesmo é um cacto [etc.]

um jorro/jarro de pernas curtas [etc.].

VOZ 3: Flutuam pequenos buracos na persiana de alumínio // um enxame deles suga para dentro do quarto a claridade da manhã /// mas a persiana resiste, abaixada.

TODAS AS VOZES (leem, uma de cada vez, os seguintes fragmentos de seus respectivos poemas, de preferência nesta sequência):

céu nublado [etc.]

mulher trêmula [etc.]

um tecido [etc.]

caminhão que abana a carga [etc.]

furgão amarelo [etc.]

plástico branco [etc.]

pinheiros [etc.]

caminho de rato [etc.]

engarrafamento [etc.]

cerração [etc.]

botijão [etc.]

carroça [etc.]

o avião [etc.]

o jogador cobre a cabeça raspada com a camiseta [etc.]

gata velha [etc.]

sementinha [etc.]

carros estacionados [etc.]

mosca enorme [etc.]

echarpe marrom [etc.]

fileira de lâmpadas vermelhas [etc.]

dia nublado [etc.]

ginástica interrompida [etc.]

chuva fria [etc.]

palmas secas [etc.]

quarta-feira [etc.]

asfalto [etc.]

urubu [etc.]

um prédio [etc.]

exposição de Giacometti [etc.]

festa [etc.]

funcionários [etc.]

barulho [etc.]

batatas [etc.]

outdoors [etc.]

ventania [etc.]

canal [etc.]

palmas verdes [etc.]

o sorridente banguela [etc.]

vento forte [etc.]

inseto negro [etc.]

banheiros químicos na areia branca da praia [etc.]

semente descabelada [etc.]

o jardineiro [etc.]

luminária pública [etc.]

cogumelos pisoteados [etc.]

gotas acesas [etc.]

prancha [etc.]

pássaros negros [etc.]

arraia morta [etc.]

hotel [etc.]

nuvens pesadas [etc.]

algum horizonte [etc.]

uma curva [etc.]

o elevador panorâmico [etc.]

guarda-chuva [etc.]

espetáculo [etc.]

chuva [etc.]

gomos coloridos [etc.]

lâmpada voltada para o sol [etc.]

sombra de urubu [etc.]

baía [etc.]

um papel [etc.]

duas ou três silhuetas móveis [etc.]

barro [etc.]

pássaros outra vez [etc.]

cachorros [etc.]

grama [etc.]

charco [etc.]

homens de verde [etc.]

autoescola [etc.]

gaivota [etc.]

a moça seca [etc.]

montes crespos [etc.]

vaso de louça [etc.]

pombos no telhado [etc.]

calçada arruinada [etc.]

bosque [etc.]

pescoço longo [etc.]
pássaro frenético [etc.]
idosa calma [etc.]
o guindaste [etc.]
muro de pedra [etc.]
ar frio [etc.]
jardim [etc.]
palmeiras gigantes [etc.]
baleia à vista [etc.]
capa transparente [etc.]
uma carroça dançante [etc.]
troncos iluminados [etc.]
borboleta [etc.]
choques [etc.]
porta [etc.]
mar cinza [etc.]
ar tempestuoso [etc.]
o regador azul [etc.]
o fogo do maçarico [etc.]
pernas minúsculas [etc.]
um pássaro plana [etc.]
enxame de insetos [etc.]
uma esquina [etc.]
lixeira de ferro [etc.]
farelo amarelo [etc.]
caminhonete branca [etc.]
um paço [etc.]
passos

As migalhas das migalhas no ateliê do artista

Manhã de verão.

Um ateliê branco. Porta aberta.

Parado em pé diante da porta do ateliê o "espectador" contempla as suas paredes nuas fortemente iluminadas pelo sol das 12.

O ateliê está vazio e bastante empoeirado (uma camada de pó cobre todo o assoalho); teias de aranha são visíveis pelos cantos.

Subitamente emerge de um porão no meio da sala (o alçapão deslizou silencioso) a mão de um "espírito" adulto; essa mão segura fortemente um maço de folhas.

O espírito lança bruscamente essas folhas na direção da porta e algumas delas atingem o "espectador", roçando-lhe as pernas e os pés.

Nessas folhas estão escritas numerosas letras (formam sílabas) em diferentes caligrafias. Mãos de todos os continentes as escreveram.

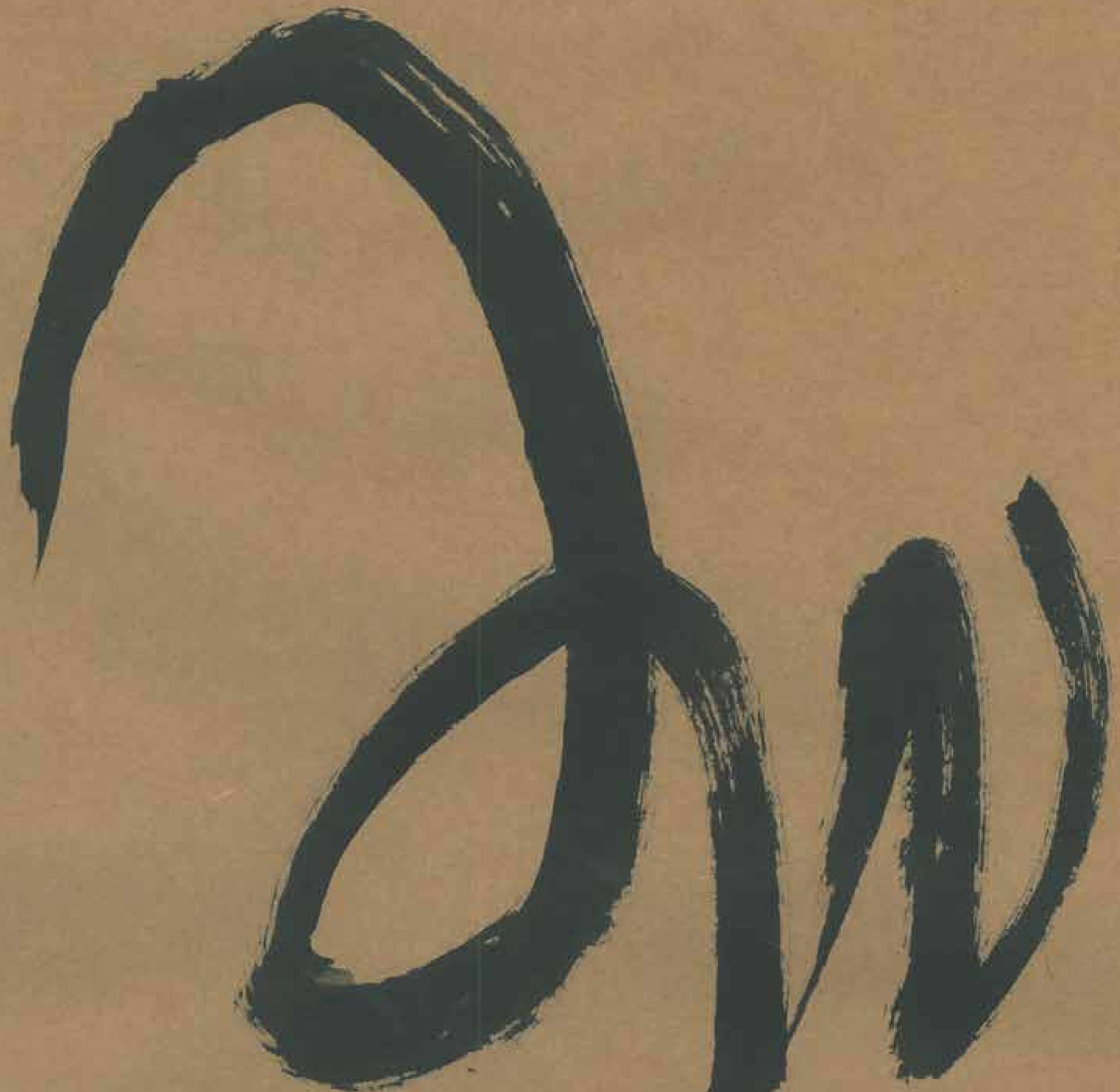
Dezesseis folhas cobrem agora os pés do "espectador", formando diante da porta aberta um grande leque de papel *kraft* com letras e hieróglifos.

***

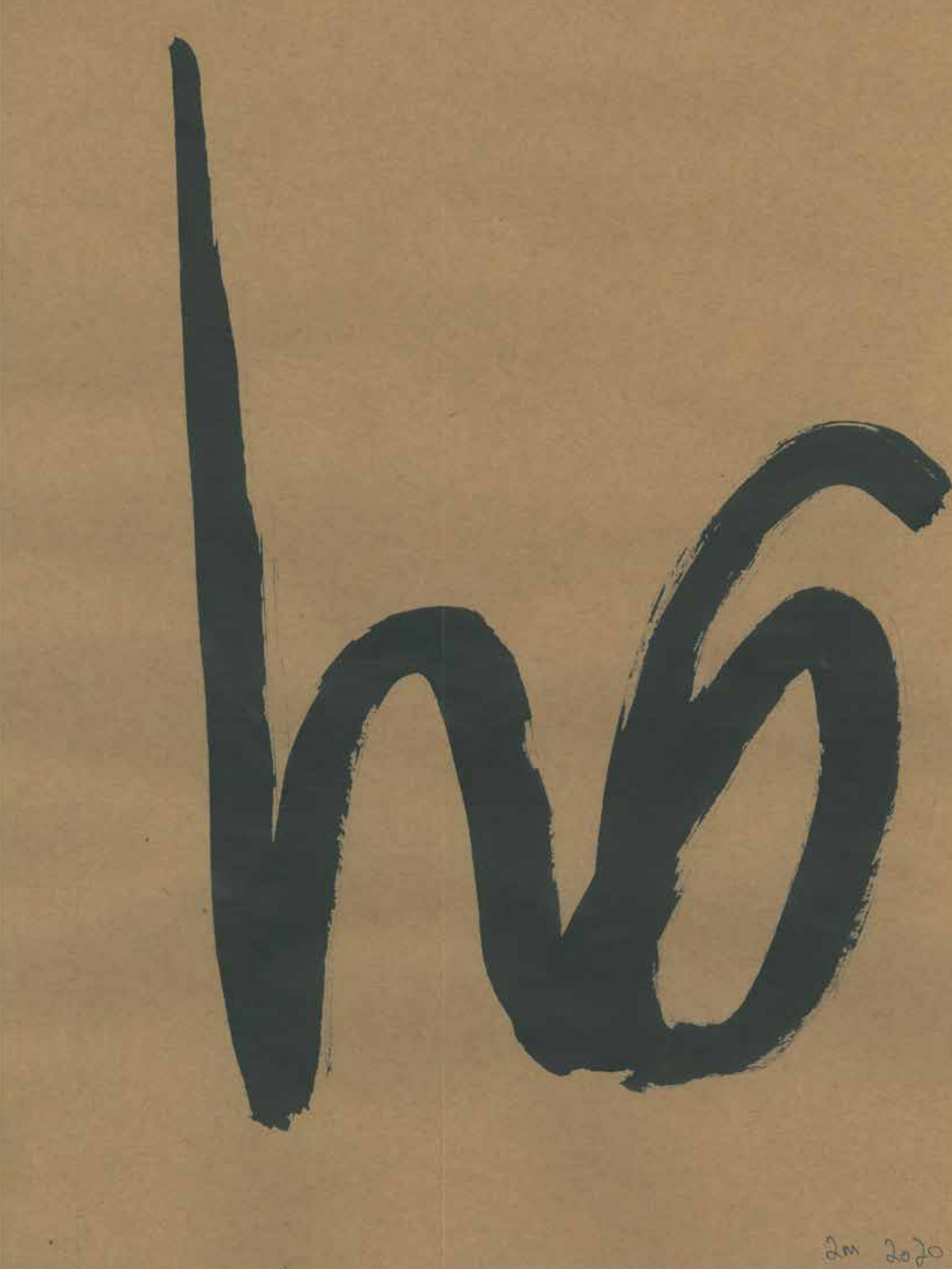
São os últimos vestígios do mundo arcaico e, talvez, quem sabe, o início do mundo futuro, como se o fim e o início se confundissem nas letras que se tornaram hieróglifos.

Essas folhas estão reproduzidas a seguir, exatamente como o "espectador" as contempla, ou seja, de cabeça para baixo.

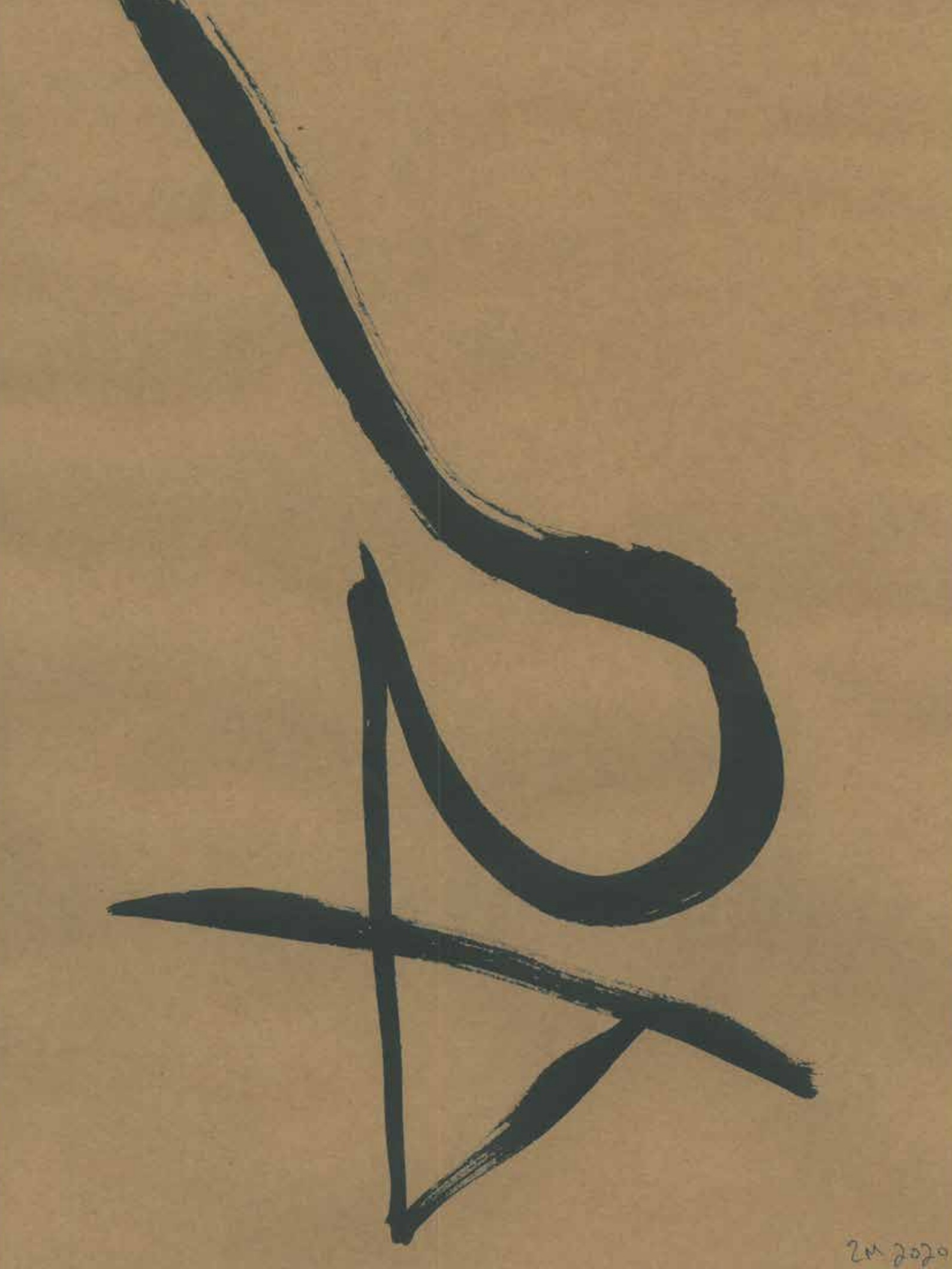
2M 2020

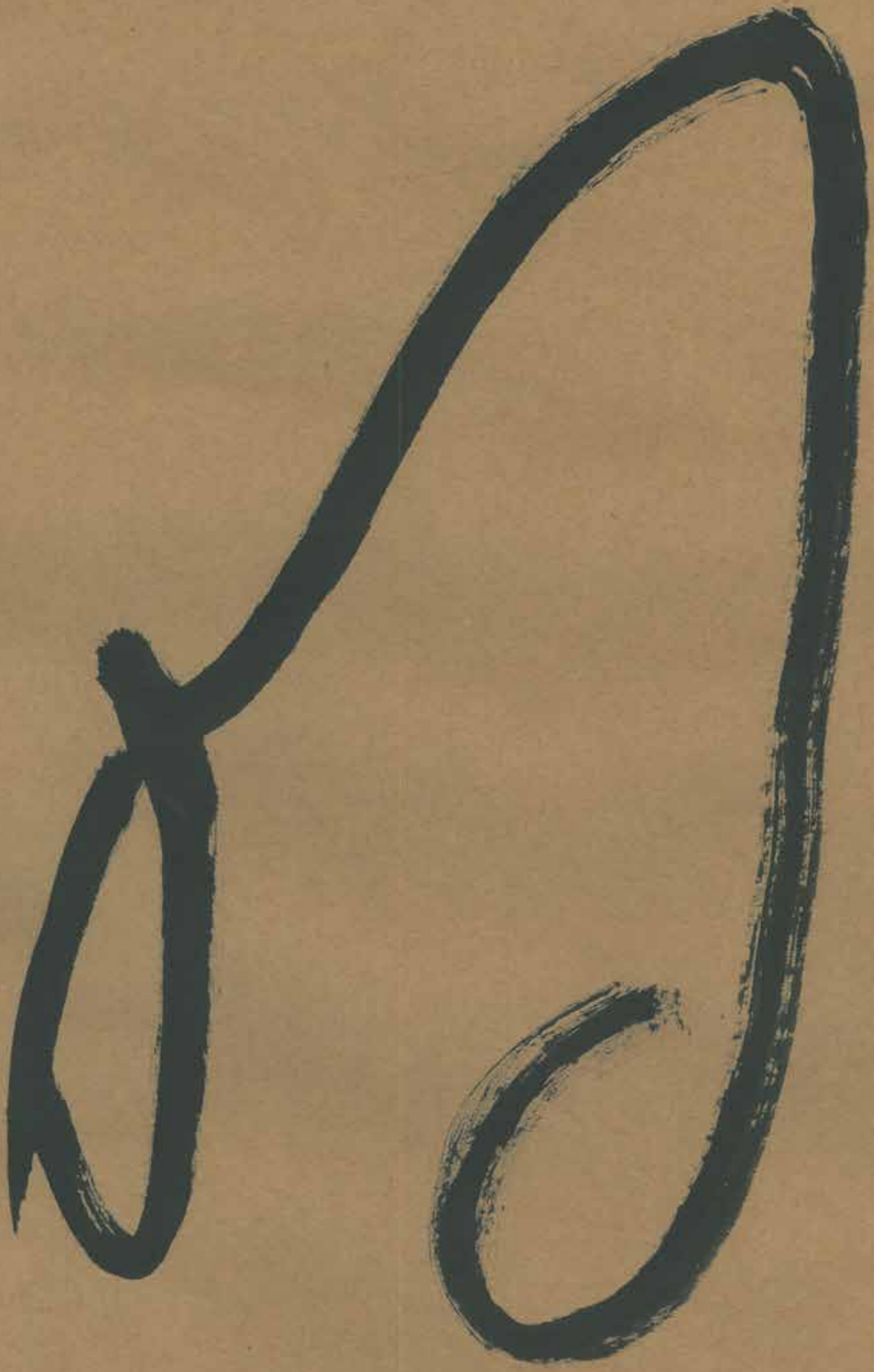


Zu 2020

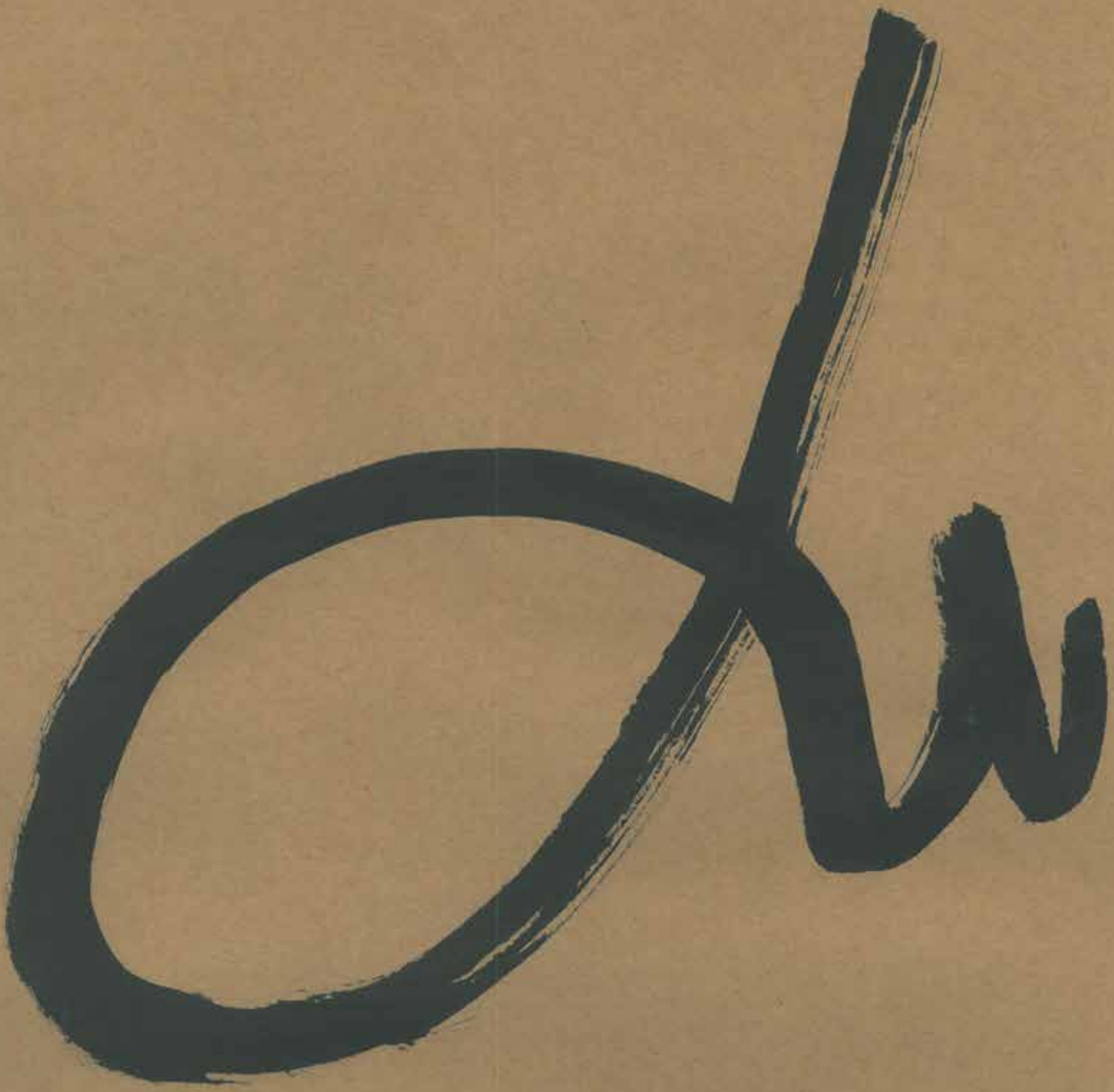


2m 2020

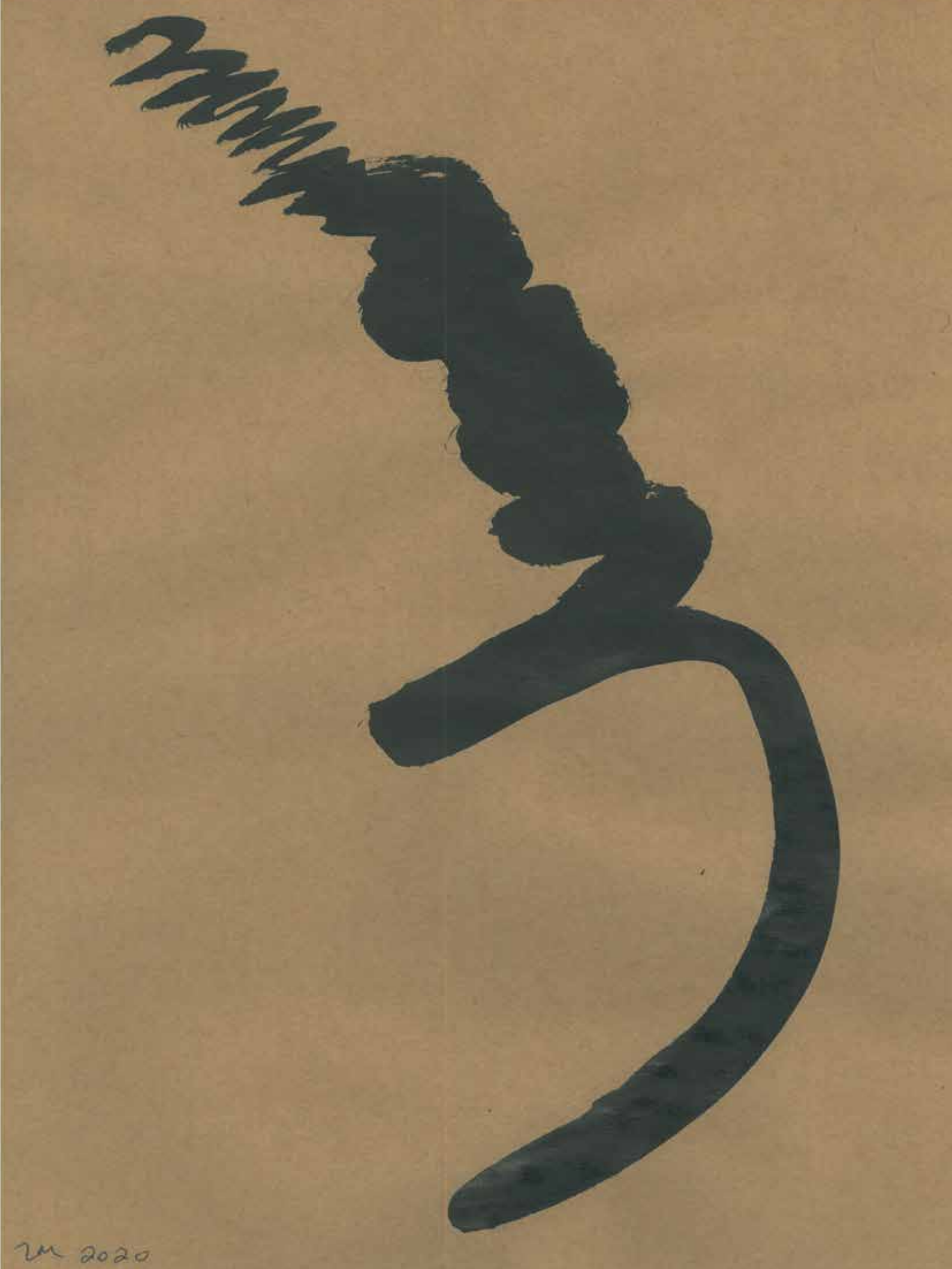

ZM 2020

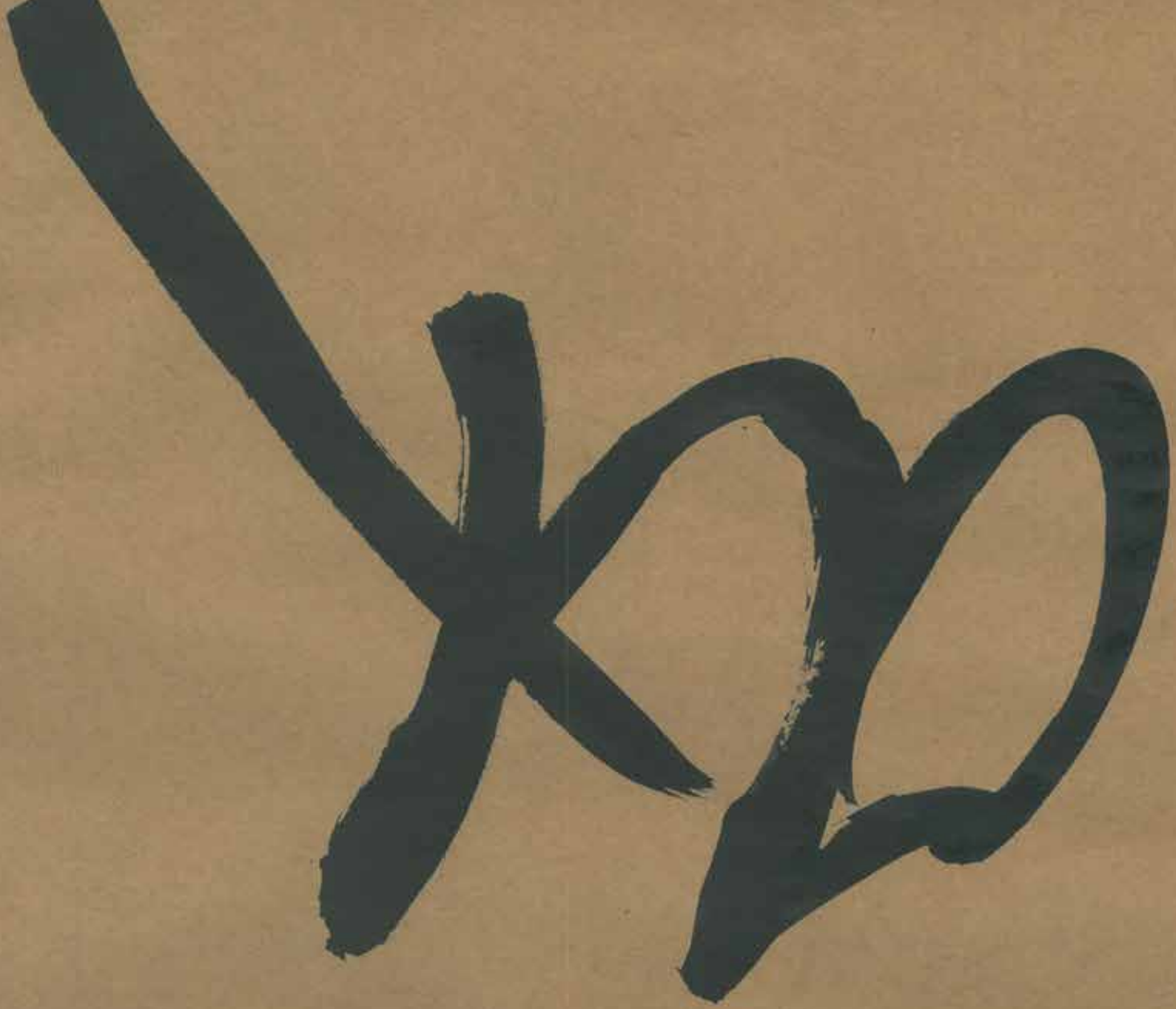


2m 2020

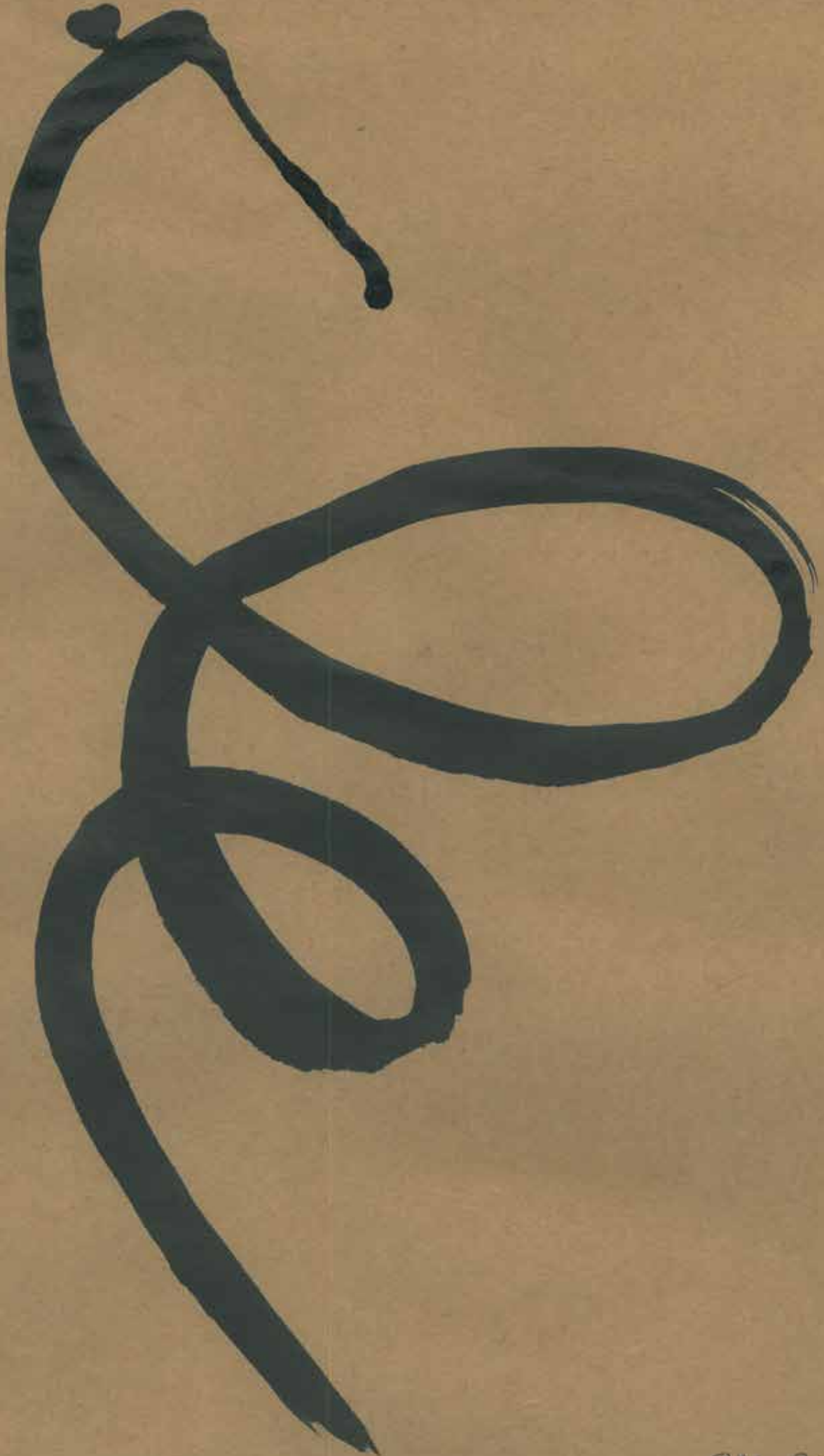


2M 2020

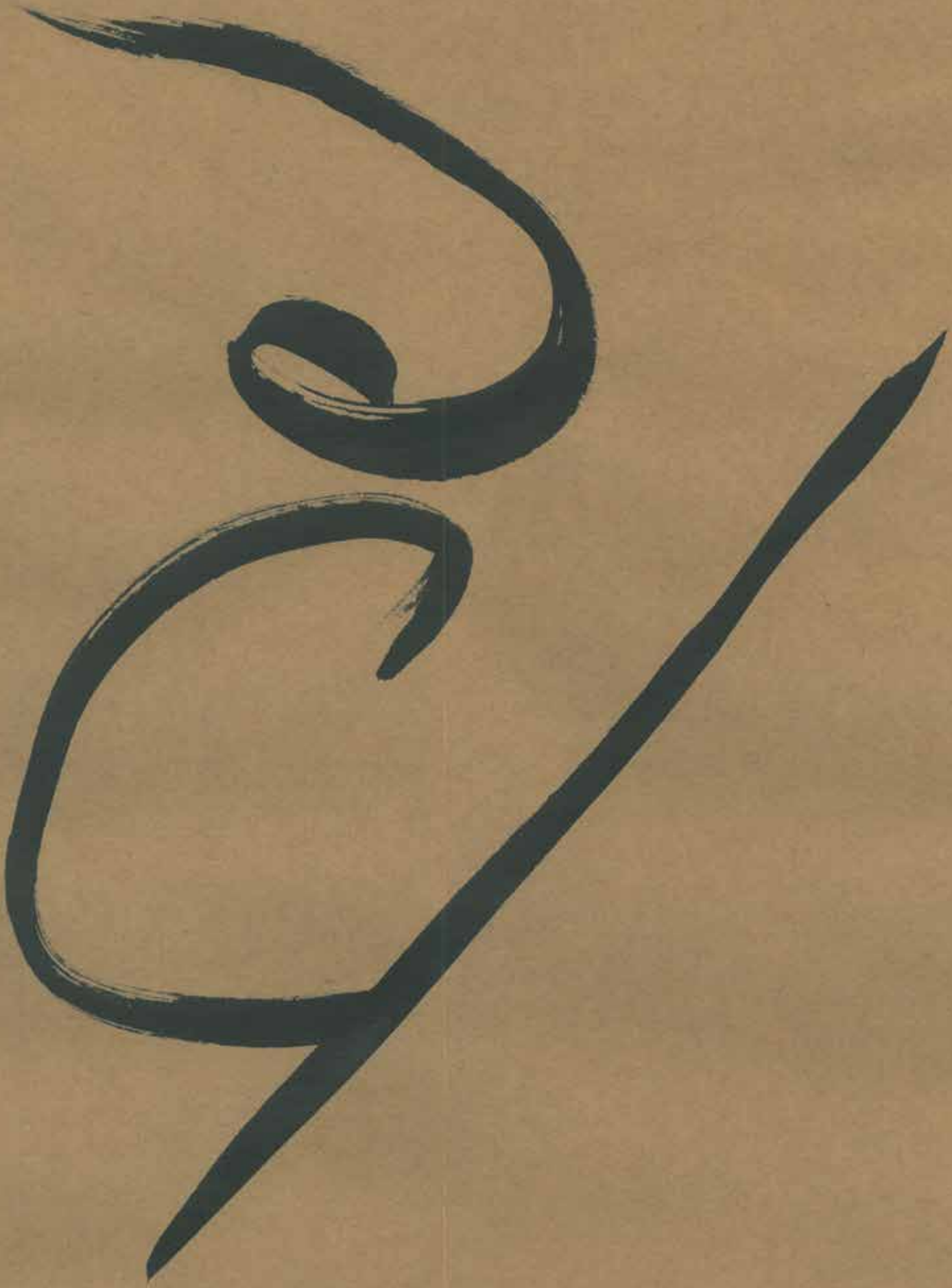

2020



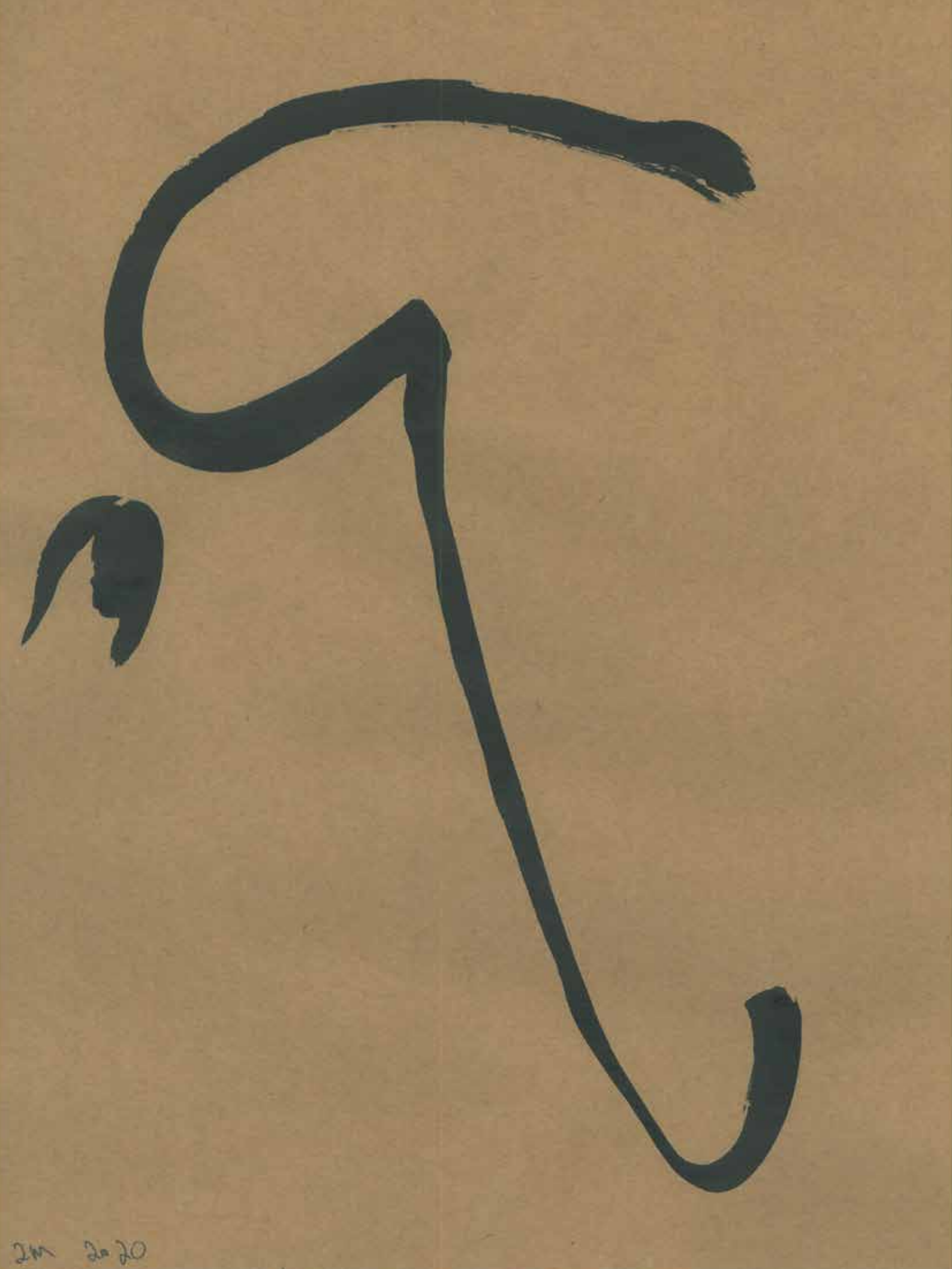
JM 2020


RM 2020

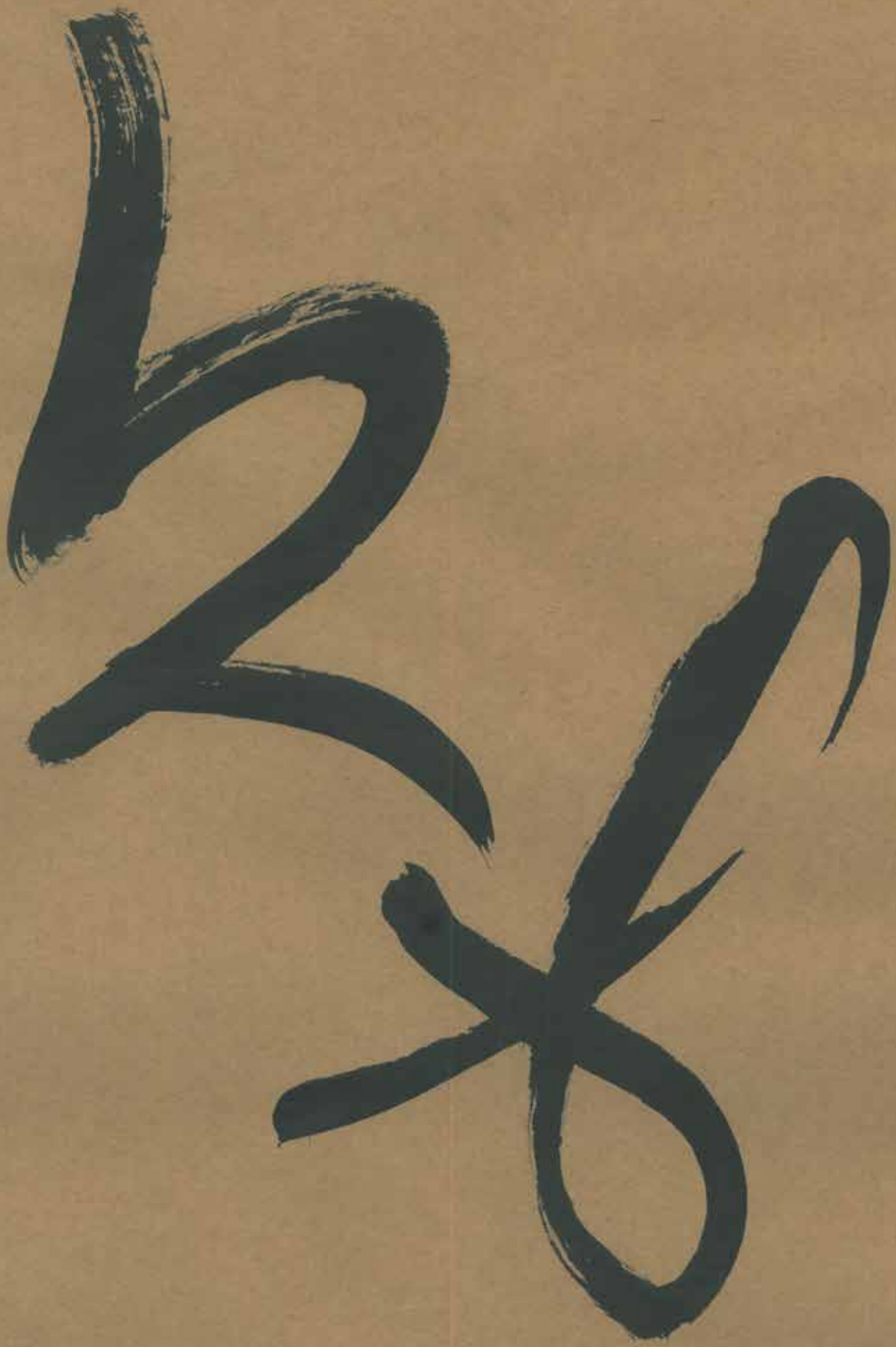
ZM 2020



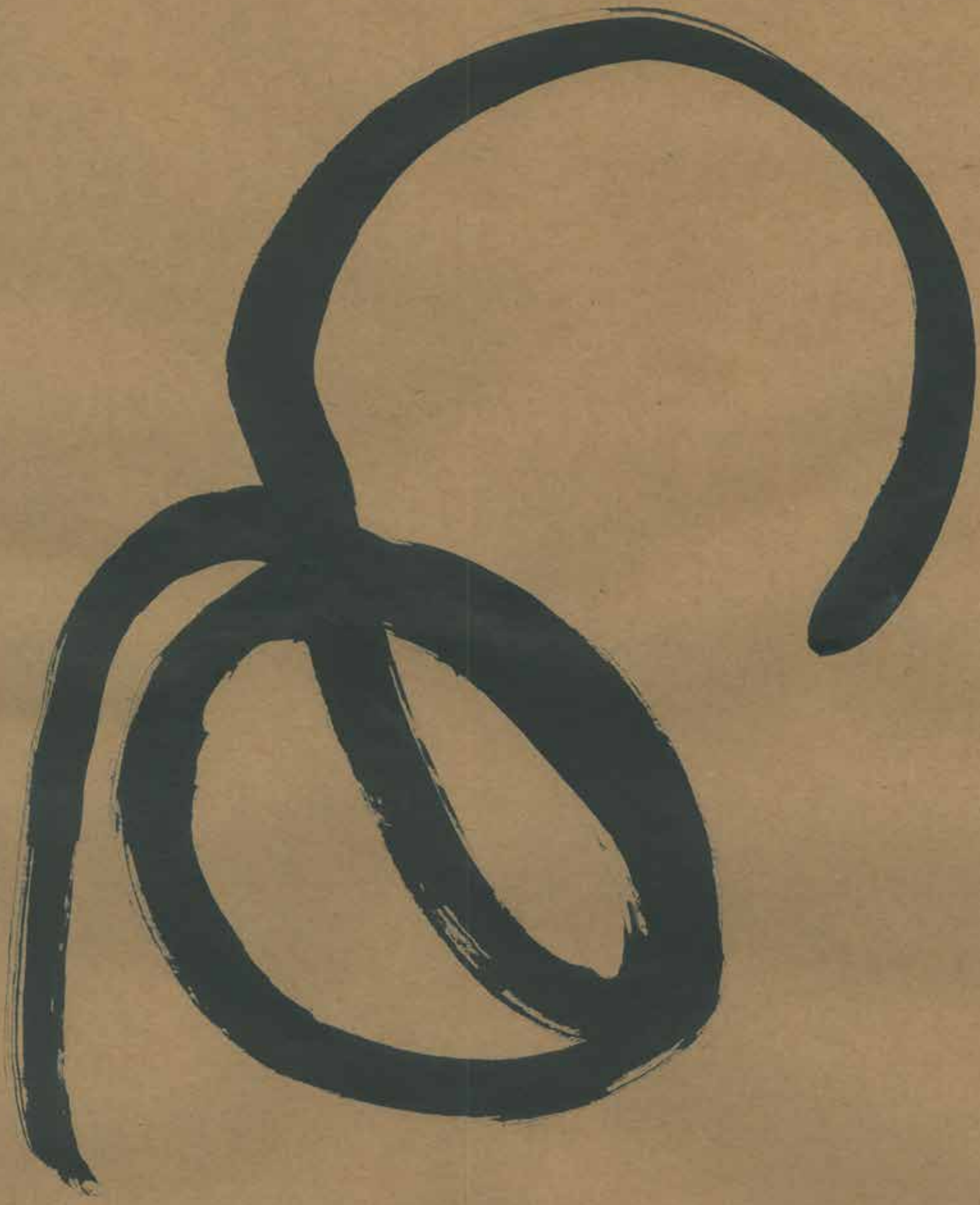
ZM 2020


2m 2020

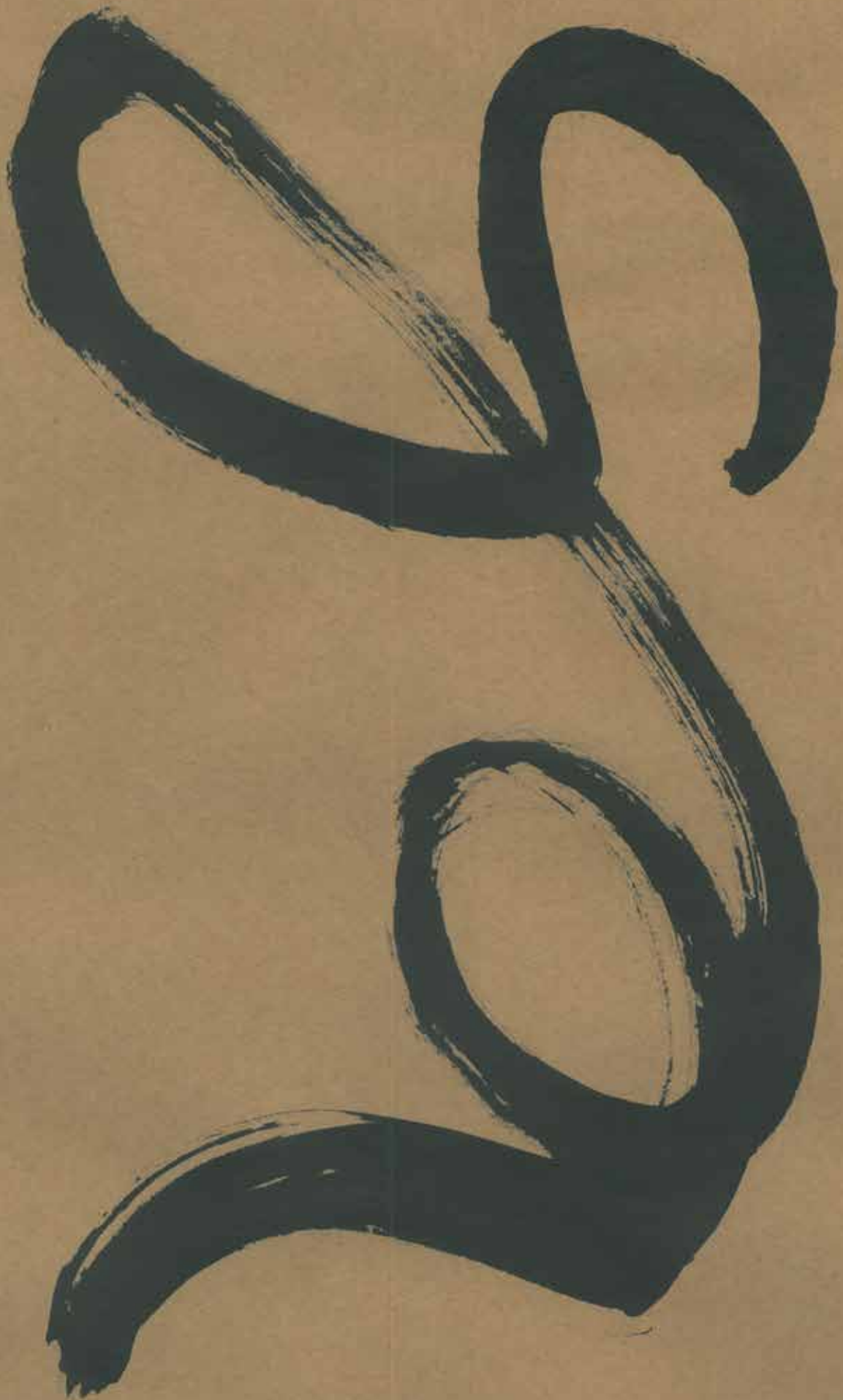
2M 2020



2m 2020



2M 2020



2M 2020

Exposição do totem

"Manhã de inverno" (ou talvez "noite de inverno") fora da Terra.

Uma sala branca numa estação espacial. Porta aberta.

Parado em pé diante da porta da sala o "espectador" contempla as suas paredes nuas fortemente iluminadas por lâmpadas invisíveis. Hora indefinível.

A sala da estação espacial está impecavelmente limpa.

Junto às paredes, palmeiras verdes em potes parecem reproduzir parcialmente uma das versões da exposição *Décors* de Marcel Broodthaers.

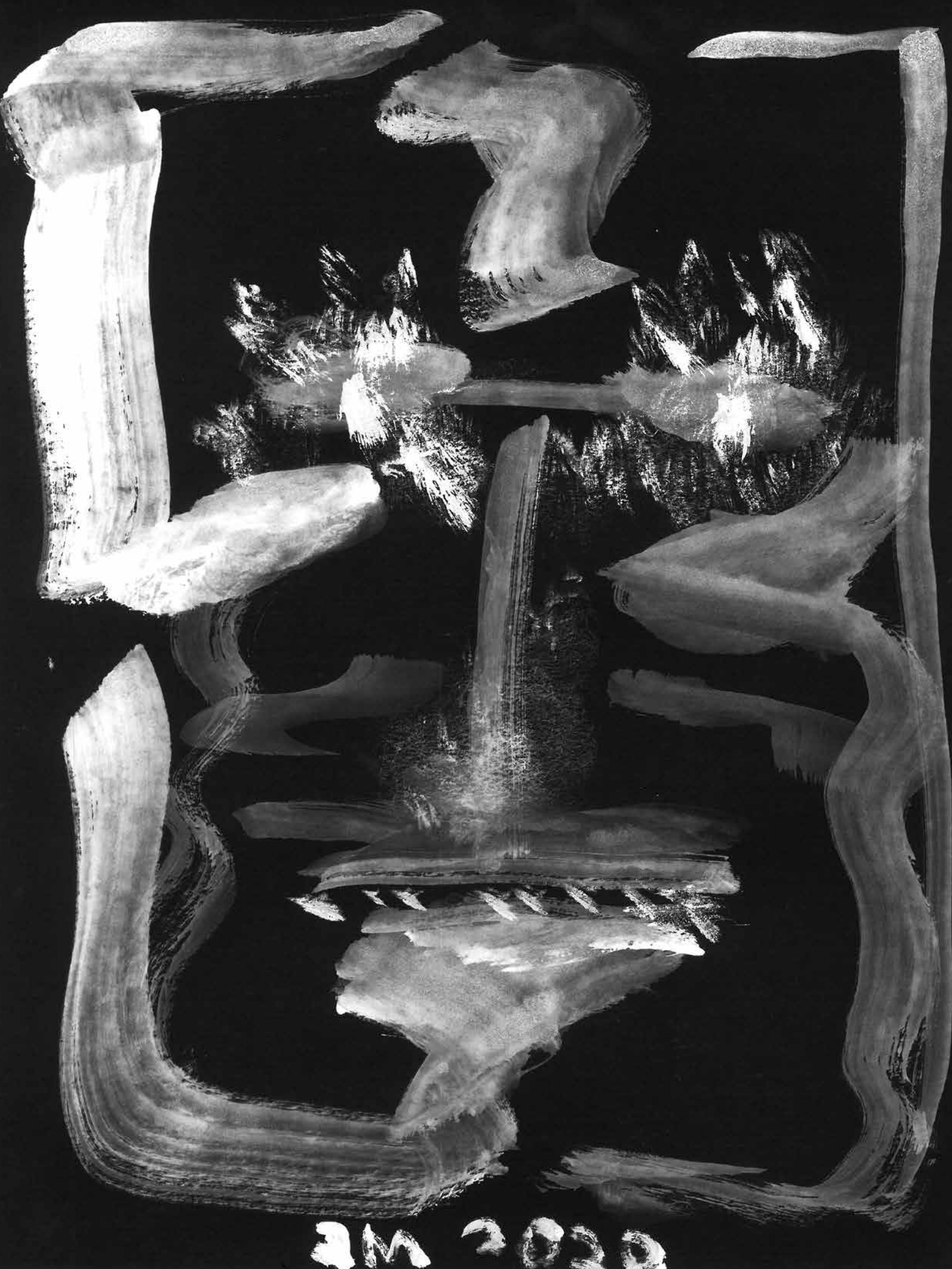
Subitamente ascende de um porão no meio da sala (o alçapão deslizou silencioso) a cabeça de um "espírito" adulto. Voltada para a porta aberta, ela está coberta por uma das "máscaras sensórias" de Lygia Clark.

Já inteiramente visível, o "espírito" gira nos calcanhares e caminha até a parede do fundo, levando um macacão de criança pequena (colorido) num cabide.

Pendura o cabide na parede e a seguir espalha ao redor das alças do macacão, grudando-as na parede, seis folhas que contêm desenhos de máscaras. Essas máscaras, dispostas num semicírculo, são as seis cabeças de um totem (*totem pole*) enigmático, ou uma única cabeça que se põe a sorrir polidamente e de repente arreganha os dentes.

Concluída sua tarefa de expor o totem na sala, o "espírito" é imediatamente içado por uma força invisível e desparece numa abertura para o pavimento superior.

Os seis desenhos estão reproduzidos a seguir.


JM 2020

Residência artística

Noite de inverno.

Um teatro branco. Porta aberta.

Parado em pé diante da porta o "espectador" contempla as paredes nuas fortemente iluminadas por holofotes.

A sala está gelada. Passa da meia-noite.

Subitamente ascende de um porão sem tampa no meio da sala (e/ou do palco) a cabeça de um "espírito" adolescente; seu rosto é indefinível (a maquiagem inventiva alude às três idades: infância, maturidade e velhice); ele encara o "espectador".

Enquanto vai emergindo lentamente, até surgir de corpo inteiro no palco, equilibrado em pernas de pau, o "espírito" narra com voz jovial sua história, que diz mais ou menos o seguinte:

VOZ ESPIRITUAL: — Minha história se chama "O passo do macaco"[1].

[Pausa]

Cheguei a Paris vindo de São Paulo e na primeira noite me hospedei num hotel paquistanês escuro e de mau aspecto que ficava perto de um restaurante árabe popular felizmente bem iluminado onde jantei //

— escolhi a espelunca paquistanesa porque a diária era barata e chovia muito naquela noite fria e eu já estava encharcado //

— eu só queria tomar um banho quente e em seguida desabar na cama //

— uma obesa mulher madura em pé atrás do balcão me perguntou enfezada se eu não trazia na bagagem uma máquina fotográfica enrolada nas roupas //

— nenhum hóspede tinha permissão para fotografar o interior dos quartos //

[1] Um poema com esse título consta do livro *Alongamento* (2004), e seu subtítulo é: "Réquiem por um andar inteiramente destruído". (N. do A.)

— respondi evasivamente (eu de fato trazia uma câmera na bagagem mas não pensava em usá-la naquela noite) que eu era um estudante e não um fotógrafo profissional como ela estava sugerindo //

— irritada com a minha resposta a mulher se abanou nervosamente com um exemplar da revista *Paris Match* enquanto me fuzilava com os seus olhos vermelhos //

— um rapaz que estava sentado numa grande poltrona ao lado do balcão tirou o cigarro da boca e depois de verificar sem interesse a minha ficha preenchida e já assinada disse com voz rouca que eu podia subir imediatamente para o "meu quarto" no segundo andar //

— a mulher (devia ser a mãe dele) não discutiu com o rapaz (eu já havia pago a diária) mas grunhiu ameaçadora ao me entregar a chave e o recibo //

— subi as escadas pensando que a última coisa que eu faria naquela noite gélida seria fotografar o interior da deplorável espelunca //

— enquanto examinava o quarto grande e esquálido que me fora destinado (seria o pior ou o melhor cômodo do hotel?) concluí que a paquistanesa havia me confundido momentaneamente com algum fotógrafo abelhudo da *Paris Match*: ele por alguma razão passara pelo hotel com sua câmera fotográfica a tiracolo //

— o repórter decerto havia tentado se hospedar no ilustre estabelecimento para fotografar um dos cômodos e depois revelá-lo ao mundo mas sua intenção inconfessada fora descoberta pela senhora da portaria //

— algum hóspede devia ter denunciado à revista tempos atrás que existia algo extraordinário ou até mesmo maligno entre as paredes daquele estabelecimento úmido e penumbroso //

— no banheiro mofado havia uma pia e um chuveiro //

— o mictório ficava no corredor ao lado da escada //

— tomei um banho quente rápido e depois caí na enorme cama imunda //

— mal conseguia manter os olhos abertos enquanto me enrolava nas cobertas //

— dormi imediatamente //

— fui despertado à meia-noite por gritos medonhos do lado de fora do quarto //

— vinham da rua em frente ao hotel //

— uma mulher chamava alguém aos berros //

— cheguei até a pensar que ela chamava por mim e o meu susto foi tão grande que pulei imediatamente da cama //

— fiquei em pé tiritando de frio pois o aquecedor havia sido desligado pela bruxa da portaria depois que eu caíra no sono //

— as pesadas cortinas manchadas da janela estavam cerradas //

— não acendi a luz do quarto nem quis me aproximar muito da cortina para não me expor a uma desconhecida que parecia estar fora de si //

— de onde eu estava não podia perceber nada do lado de fora mas permaneci no mesmo lugar sempre tiritando //

— de repente uma voz masculina se juntou à voz feminina e ambas gritaram em uníssono um nome que percebi com alívio não ser o meu — mas era muito parecido //

— a voz esganiçada da mulher se sobrepôs de repente à voz grossa e rouca do homem e ele se calou //

— foi então que ouvi a porta de um carro bater com força //

— supus que o casal houvesse saído do carro estacionado diante do hotel //

— quando novamente gritaram em uníssono o nome parecido com o meu achei não sei bem por qual razão (talvez as vozes soassem naquele momento mais próximas do meu quarto) que poderiam estar agora em pé no teto do carro tentando examinar o interior dos quartos //

— a voz da mulher soou a seguir de fato mais próxima //

— atônito cheguei a pensar que a mulher cuja voz agora parecia soar junto da minha janela havia subido nos ombros do homem com a agilidade de uma equilibrista de circo com o objetivo de examinar o interior do hotel a partir das janelas do segundo andar //

— os dois notívagos vociferantes um sobre o outro formariam conforme então imaginei uma espécie de *totem pole* vivo e desatinado e até mesmo concebi que constituíam um inesperado *cadavre exquis* ereto numa ruazinha obscura de Paris //

— dei uns passos para trás e me sentei cuidadosamente (não queria fazer ruídos) na extremidade da cama pois considerei mais prudente afastar-me da janela //

— a única lâmpada acesa no quarto estava no banheiro cuja porta eu encostara antes de me deitar //

— eu tremia de frio porque o aquecedor como eu disse havia sido desligado pela megera da portaria e ela certamente procedera assim para economizar energia ou para me obrigar a ir embora do hotel pegando carona de madrugada com aquele casal em transe que continuava a gritar sem parar o meu nome ou um nome muito parecido com o meu //

— era curioso concluí que uma viatura da polícia ainda não houvesse aparecido no local para afugentar os energúmenos e devolver enfim a paz à ruazinha sonolenta //

— fiquei realmente espantado quando a voz do homem começou a soar também esganiçada se somando à da mulher que não parecia disposta a parar de gritar //

— era um pesadelo //

— os dois como que haviam se tornado pássaros agressivos gritando incansavelmente não se sabia bem por quê //

— chamavam alguém que lhes devia algo? //

— alguém imprescindível de madrugada? //

— senti que os dois estavam prestes a roçar nos vidros da minha janela seus bicos pontiagudos e suas asas imensas //

— em frente ao hotel parecia agora haver uma poderosa entidade (ou talvez apenas um arremedo ou paródia de uma entidade) horrorosamente sonora //

— e ela me pedia que eu descesse imediatamente até a rua! //

— aterrorizado previ que os gritos alucinados desse totem de duas cabeças (ameríndias ou europeias)[2] não cessariam enquanto eu não me dispusesse a descer à rua de madrugada atendendo ao seu chamado tresloucado //

— ao mesmo tempo eu não sabia mais se estava sonhando ou se ouvia realmente uma entidade na rua que usava o carro como pedestal //

— fechei os olhos e depois tapei os ouvidos com as mãos //

— mas nada disso desfez o feitiço //

— talvez (era a minha esperança) nos prédios próximos luzes estivessem agora acesas e alguns moradores já se debruçassem contrariados nas janelas //

— talvez até tomassem alguma providência para calar a anárquica fonte sonora //

— mas no próprio hotel (eu temia) nenhum hóspede quisera até então se expor nas janelas cujas cortinas continuaram por isso mesmo cerradas o que decerto irritava ainda mais o totem //

— quanto ao pessoal inconfiável da portaria só lhe restava (se tivesse bom senso) trancar a porta da frente para evitar que o prédio fosse invadido pelos vândalos //

— no fundo eu sabia que na fria madrugada sem aquecedor funcionando eu era o único hóspede daquela espelunca sombria //

---

[2] Nunca supus que um *cadavre exquis* histórico (autenticamente surrealista) fosse capaz de gritar caso ganhasse vida; os totens indígenas sempre "dizem" algo (sagrado, profano ou satírico), mas nem por isso dispõem de voz para fazê-lo — só *mostram* sua mensagem. (N. do A.)

— eu tiritava sentado na beira da cama e não me passou pela cabeça ligar para a portaria pedindo providências contra tamanha gritaria sob a minha janela //

— como não me ocorreu ideia melhor do que aguardar que o totem ficasse afônico de tanto se esgoelar deitei-me outra vez e me enrolei nos cobertores que me pareceram muito finos porém não havia outros à minha disposição no quarto //

— se o casal de grandes e furiosos pássaros noturnos a julgar pelos seus gritos cada vez mais lancinantes esperava atrair logo para a rua (era a única conclusão possível a essa altura) um hóspede do hotel esse hóspede não era definitivamente outro senão eu mesmo! //

— na condição de único hóspede (estava convencido disso) eu deveria ao menos aparecer na janela para reverenciar sua espalhafatosa presença //

— quando os gritos inumanos lancinantes finalmente emudeceram – foi algo tão súbito quanto inesperado — sobreveio um silêncio absoluto lá fora //

— me senti repousando no vazio (a cama me pareceu infinita) como se o hotel não existisse mais e como se a cidade de Paris tivesse se desvanecido para sempre //

— meu último desejo foi ouvir o conhecido som da sirene da viatura da polícia entrando velozmente na rua //

— como seria bom (melhor até do que estar deitado numa cama mais confortável) se os vigilantes noturnos aparecessem e multassem ou prendessem os arruaceiros estacionados na frente do hotel //

— eu apostava que eles tinham se calado em razão da aproximação dessa viatura //

— mas não ouvi nada lá fora nem o vento uivando (se é que ele alguma vez uivara nessa madrugada) //

— o bairro parecia profundamente adormecido e meus olhos se fecharam //

— imaginei o casal falando em voz baixa (um cochichava no ouvido do outro) //

— portas bateram de repente com estrondo (nem sequer estremeci nem abri os olhos) e o motor de um carro se fez ouvir //

— então o carro do casal iria se afastar do hotel? //

— não poderia ser a viatura da polícia que chegara? //

— perplexo quis acreditar que poderia ser também o som do aquecedor funcionando novamente e agradecido estremeci de felicidade //

— dormi como uma pedra... //

— despertei muito cedo por causa do frio matinal //

— vesti minhas roupas mais quentes e sem me despedir do quarto (ou melhor sem olhar para trás) saí para o corredor batendo a porta //

— anunciei assim a todo o hotel minha intenção de ir embora imediatamente //

— enquanto descia carregando a minha bagagem (uma mochila e uma mala) não encontrei ninguém fosse hóspede ou funcionário do hotel nem nas escadas nem nos corredores //

— isso reforçou a minha sensação de ser realmente o único hóspede daquela espelunca sepulcral //

— para meu alívio a portaria também estava deserta: eu não desejava experimentar de novo o azedume da megera da noite passada //

— deixei a chave sobre o balcão e saí para a calçada com um largo sorriso e muita vontade de caminhar até meu próximo destino que eu ainda não sabia qual era //

— O hotel paquistanês ficava próximo da Gare du Nord onde tomei o metrô apinhado de africanos que seguiam para o trabalho //

— desci na outra margem do Sena e ascendi à Place d'Italie sem saber ao certo que rumo tomar //

— por sorte vi na parede de um bistrô onde entrei para tomar um chá o anúncio de um estúdio para alugar nas proximidades //

— era tudo o que eu desejava ler nessa manhã e decidi intrepidamente que o referido estúdio seria meu endereço definitivo nessa minha primeira temporada na França //

— corri para lá //

— paguei sem hesitar o primeiro mês de aluguel que não era barato //

— já instalado nessa mesma manhã no meu estúdio examinei cada recanto e aprovei a limpeza do espaçoso ambiente que além disso estava aquecido //

— sentei-me na poltrona confortável e comecei a ler um romance de aventuras de Júlio Verne como se não tivesse mais nada para fazer nessa manhã //

— qualquer um que me viesse agora diria que já me sentia em casa em Paris //

— porém uma inquietação ou excitação me fez fechar subitamente o volume e vestir o casaco //

— passeei depois despreocupado pelas ruas do meu *arrondissement* e devo confessar que me senti feliz //

— voltei para o meu estúdio ao escurecer carregado de sacolas //

— deitei-me no vasto leito confortável e logo adormeci //

— mas fui novamente despertado à meia-noite por uma algazarra na rua //

— desta vez não ouvi gritos mas sim batidas violentas na porta da frente //

— meu estúdio ficava no terceiro andar e todas as luzes estavam apagadas exceto as do banheiro //

— as cortinas das janelas estavam cerradas //

— de repente soou na calçada uma voz masculina que exigia que a porta do prédio lhe fosse aberta //

— o homem desconhecido golpeou de novo a porta várias vezes depois de gritar //

— não havia dúvida de que ele investia contra a porta de entrada do meu prédio //

— então parou e permaneceu calado esperando que alguém finalmente viesse atendê-lo //

— imóvel na cama eu tentava captar ruídos suspeitos dentro e fora do prédio //

— ouvi de repente passos muito leves no corredor do meu andar //

— temi que o estranho ou a estranha batesse na minha porta me convidando a acompanhá-lo/la até a porta da frente //

— mas ele (ou ela) começou de repente a correr e desceu as escadas como se estivesse indo resolutamente (mas sem estardalhaço desnecessário) até o térreo para falar com o desconhecido que não tinha ao que tudo indicava a senha da fechadura //

— o silêncio que reinou no interior do prédio me pareceu intolerável porque nada mais ouvi por vários minutos //

— perdi a paciência (depois de perder o sono) e saí da cama chutando sem querer meu chinelo para longe — esse incidente me enfureceu //

— caminhei descalço pé ante pé até a janela da sala //

— com toda a discrição possível afastei um pouco a cortina mas só consegui vislumbrar um pedaço da rua e a calçada oposta onde havia uma velha castanheira ao lado da luminária pública //

— fiquei ali parado olhando a rua //

— não vi ninguém lá fora //

— então caminhei até a cozinha e afastei a cortina da janela mas novamente vi lá fora a castanheira iluminada //

— concluí que aquele assunto não era comigo pois havia sem dúvida vários outros inquilinos no prédio naquele momento //

— a um deles em especial o inoportuno se dirigia //

— não duvidava de que o desconhecido estivesse bêbado ou drogado //

— talvez por isso fora intencionalmente deixado na rua sem a senha da fechadura //

— sua companheira ou seu companheiro não quisera deixá-lo entrar pois temia que ele fizesse uma baderna infernal no interior do prédio (como num romance de Céline) despertando todo mundo //

— aparentemente ninguém quisera abrir a porta da frente para o doido lá fora //

— seus gritos na calçada eram inúteis e as pancadas violentas na porta da frente (que era de madeira sólida) desnecessárias e ele próprio parece ter-se dado conta disso pois emudeceu e descansou os punhos //

— voltei para a cama ainda apreensivo com a perspectiva de ouvir novas batidas na porta mal fechasse os olhos //

— eu sabia que os inquilinos não podiam contar de madrugada com a assistência do *concierge* que só apareceria para trabalhar às sete horas da manhã //

— mas nada mais ouvi quando fechei os olhos //

— reinava lá fora um grande silêncio como se a madrugada tivesse sido pacificada //

— contudo ouvi de repente um carro se aproximar e abri os olhos sobressaltado //

— ele parou com suavidade diante do prédio (pelo menos assim me pareceu) //

— uma porta bateu e o automóvel partiu quase imediatamente //

— o arruaceiro aparentemente tomara um táxi (eu quis acreditar) //

— era uma ideia auspiciosa... //

— decerto fora buscar abrigo longe do nosso prédio o qual se tornara para ele uma fortaleza inexpugnável //

— graças a todos os totens ameríndios eu poderia agora voltar a sonhar no meu leito acolhedor //

— em nada ele lembrava a cama fria e chiante da pavorosa noite anterior //

— em seguida imaginei (para me distrair talvez já que não estava conseguindo conciliar o sono) que o pequeno porteiro do prédio (um anão espanhol) iria me confidenciar de manhã quando me visse saindo para a rua que o homem que golpeara tanto a porta de entrada à meia-noite era um drogado cuja ex-namorada alugara recentemente um estúdio no prédio //

— felizmente (acrescentaria o sorridente pequeno *concierge*) a moça não pretendia recebê-lo ali //

— lamentei (enquanto tentava manter os olhos fechados) que o mais novo mal-amado de Paris houvesse conseguido (como o casal totêmico da noite anterior) fazer uma pavorosa algazarra na rua de madrugada sem atrair a atenção da polícia //

— a polícia aparentemente já não se interessava por quem berrava noite adentro em Paris naquele inverno //

— talvez a polícia tivesse se omitido porque dos meus vizinhos bem protegidos em seus quartos nenhum tomara a iniciativa de acionar a delegacia mais próxima //

— eles não se sentiram tão incomodados como eu com os gritos de um alucinado na rua //

— então mergulhei no sono //

— batidas suaves na minha porta me despertaram //

— percebi quando abri os olhos que a manhã estava ensolarada (o dia anterior fora nublado) //

— saltei da cama sobressaltado: não compreendia por que estavam batendo na minha porta àquela hora //

— seria o anão? //

— perguntei quem era e uma voz feminina respondeu baixinho que era uma vizinha //

— assim que abri a porta vi uma moça de cabelos louros bastos vestida com esmero //

— ela me disse com um sorriso algo constrangido que estava hospedada no andar de baixo e queria me pedir um favor //

— assenti com a cabeça encorajando-a a prosseguir embora eu mesmo me sentisse desconfortável pois estava sem camiseta e descalço e com o cabelo em completo desalinho //

— mas ela não se importou com minha aparência nem quis perder seu tempo //

— contou que havia perdido o sono a partir da meia-noite por causa dos meus passos pelo estúdio //

— fez depois um gesto ridículo com a mão direita como se estivesse demonstrando o significado da expressão “andar suavemente”... //

— fiquei boquiaberto porque tudo levava a crer que ela não ouvira os gritos na rua diante do prédio nem as colossais batidas na porta da frente mas percebera distintamente os meus precavidos passos indo da cama até a janela da sala e depois até a cozinha //

— só então eu me lembrei de que havia chutado para longe sem querer um dos meus chinelos ao sair da cama e que isso produzira (eu não podia negá-lo) um ruído súbito na madrugada //

— não consegui balbuciar uma palavra sequer em francês para a moça elegante à minha frente //

— como era possível que ela não comentasse nada sobre a algazarra em frente ao prédio que me fizera sair da cama? //

— me senti contrariado com o fato de ela me acusar injustamente de ter sido a única pessoa que fizera ruídos de madrugada! //

— não teria a moça confundido o som dos golpes violentos na porta de entrada com o som (abafadíssimo) dos meus poucos passos pelo quarto quando tentava verificar quem fazia arruaças lá fora? //

— eu xinguei mentalmente o maldito chinelo que fora parar sabe-se lá onde //

— coloquei de repente a mão diante da boca e bocejei para mostrar à minha vizinha que as suas batidas na porta haviam me despertado naquela manhã //

— sem dizer mais nada (seus lábios se apertaram) ela se afastou rapidamente //

— eu estava atônito com a aparição da desconhecida pois tinha convicção de que não fizera (quase) barulho ao saltar da cama à meia-noite //

— alguém de fato caminhara de madrugada pelo corredor e descera as escadas enquanto o infeliz urrava lá fora... //

— a moça confundira esses passos com os meus... pois eu me levantara da cama em seguida //

— só podia ser isso! //

— eu caminhara cautelosamente até a janela para sondar a rua //

— agira com muita discrição pois não queria chamar a atenção para a minha pessoa sabendo que um desvairado na calçada talvez olhasse fixamente para as janelas do prédio... //

— porém não fizera absolutamente o piso estremecer sobre a cabeça da desconhecida quando saí da cama //

— eu sabia agora (e essa certeza eu devia ao depoimento dela) que realmente me levantara no meio da noite e chutara o chinelo para longe //

— e podia jurar também que havia agido assim porque ouvira gritos na calçada e pancadas na porta da frente //

— não sonhara com um drogado fazendo algazarra noturna diante do prédio... //

— no entanto me sentia confuso e não descartei a hipótese de que... //

— na verdade eu reconsiderei enquanto escovava os dentes uma teoria fantasiosa (não sei se deveria chamá-la mística ou mítica) que começara a construir pelas ruas do meu *arrondissement* no dia anterior //

— a teoria me parecia agora concluída ou quase... //

— o místico conforme disse Wittgenstein (um autor que eu já lia com fervor na época) se *mostra*... //

— segundo a minha teoria o místico também vocifera por intermédio de porta-vozes alucinados e circenses //

— resumindo minhas ideias diria que um emissário francês do totem dos totens (o *totem pole* que vem dos confins do cosmos) havia me procurado em Paris pela segunda noite consecutiva chamando-me aos gritos e pedindo-me que eu abrisse a porta da frente para ele //

— servindo-se talvez de um megafone ele havia solicitado com insistência primeiro no hotel paquistanês e depois no meu estúdio da Place d'Italie que eu descesse até a rua de madrugada para conferenciar com ele... //

— isso ele fizera! //

— aparentemente mais ninguém ouvira o seu chamado na madrugada! //

— voltei a considerar com mais seriedade essa teoria... //

— mas como saber se o parisiense barulhento era mesmo um emissário do totem imaterial que nunca pude definir mas cuja proximidade posso às vezes sentir desde a minha adolescência? //

— há anos cultuo — porém sem invocá-la — uma entidade inescrutável que batizei de Sr. MoNo (havia voltado a pensar nela em Paris...) //

— esse senhor totêmico invadira o meu quarto (que desapareceu!) anos atrás //

— meu apartamento ficava no terceiro andar de um prédio modesto no Centro-Oeste escaldante... //

— então ele me cegou completamente (tal era o seu fulgor) e me pôs em seguida para fora de casa pois quando dei por mim estava na rua //

— diria que quando esse totem invade um quarto ele ocupa todo o seu espaço... //

— na verdade recobrei a visão ao descer alguns lances de escada //

— o Sr. MoNo em sua primeira e única manifestação inequívoca na minha vida fora absolutamente silencioso //

— agrada-me dizer hoje que ele me empurrou para a frente enquanto ele mesmo se dirigia ao Oriente para dar a volta ao mundo //

— por tudo isso me pareceu impossível naquela manhã enquanto preparava uns cogumelos (eu os comprara na véspera na *rue* Mouffetard) associar esse totem majestoso às pessoas de vozes histéricas ou drogadas que eu (só eu?) ouvira nas ruas de Paris nas duas últimas madrugadas... //

— ao

relembrar

tantos anos depois

esse

episódio

penso (talvez)

que

a

fulana

que

eu

imaginara

em pé

nos ombros

de seu parceiro

diante do hotel paquistanês

havia

depois de concluído o espetáculo onírico

descido

para a calçada

e entrado

(quase como se tivesse saltado diretamente da Gare du Nord para a Place d'Italie?)

no estúdio

onde

eu (conduzido por forças estranhas) passaria em seguida a residir //

— mas o rapaz que a acompanhava na primeira madrugada havia sido deixado na segunda madrugada do lado de fora sem a senha da fechadura //

— ele havia tentado com insolência entrar no prédio mas logo constatou que este era uma fortaleza //

— se essa teoria (a mais mirabolante de todas as teorias que concebi em Paris ao longo dos doze meses que residi na cidade) for considerada pelo "espectador" de hoje como merecedora de atenção devo agora concluir que o totem parisiense (o porta-voz espalhafatoso do Sr. Primeiro e Único) da minha noite inaugural reaparecera na segunda noite porém drasticamente desmembrado (cortado ao meio) //

— inicialmente os dois componentes do totem chamaram-me para a rua aos gritos conforme relatei o feminino sobre os ombros do masculino //

— a base e o topo do totem estridente exigiram com veemência que eu me afastasse da Gare de Nord mas eu só "obedeci" a ordem deles horas depois ou seja ao amanhecer quando abandonei às pressas (em nenhum momento me passou pela cabeça que poderia encontrá-los à minha espera na rua) o meu aposento paquistanês //

— o casal bem que poderia ter me acompanhado "invisível" até a Place d'Italie... //

— é fácil deduzir que a moça havia conseguido entrar junto comigo (ou até mesmo muito antes de mim) no prédio onde escolhi residir //

— porém o rapaz se deparou com a porta fechada (ela não se abriu para ele ao longo do dia) //

— por isso ficou na calçada até altas horas quando então desesperado se pôs a urrar e a escoicear a porta (acredito que deu alguns pontapés nela) //

— ele tentara entrar no prédio (não há mistério nisso) porque sua companheira (sua metade) estava hospedada num estúdio abaixo do meu //

— não me lembro se cheguei a desenvolver tão bem como agora essa teoria enquanto descia rapidamente (com a expectativa de ver pela primeira vez o parceiro da moça totêmica ainda à espera dela na calçada) as escadas do meu prédio //

— estava também ansioso para começar nessa manhã minha pesquisa sobre a obra de Yves Klein cujos quadros monocromáticos eu esperava ver no Centre Georges Pompidou //

— certa feita Klein havia permitido que o vento e os vegetais pintassem seus quadros: essa parte da obra dele também me interessava nessa época //

— quando me aproximei da portaria ouvi um ruído e vi a sombra do anão espanhol atrás da porta de vidro fosco //

— o *concierge* se movia inclinado enquanto passava o aspirador de pó no tapete do escritório //

— a moça do totem circense falara comigo pedindo que eu fosse delicado ao caminhar pelo quarto mas o anão naquela manhã era seguramente a pessoa mais barulhenta que havia no prédio //

— decidi sair para a rua sem dar-lhe bom-dia (eu teria de gritar para ser ouvido por ele) e sem hesitar abri calmamente a pesada porta da frente //

— vi à bela luz da manhã um jovem policial parado na calçada diante da porta com a cabeça inclinada para trás examinando as janelas dos andares mais altos //

— eu estaquei atônito diante daquele representante da ordem... //

— "será esse o rapaz do totem sonoro?!" me indaguei ao mesmo tempo incrédulo e apreensivo //

— mas também senti o que havia de irônico (e até cômico) na situação: pela manhã o arruaceiro da madrugada usava um impecável uniforme de policial! //

— mantive o sangue-frio (meus lábios tremiam um pouco) e fechei a porta atrás de mim para não permitir que o policial suspeito (ele agora me encarava) entrasse no prédio //

— cumprimentei-o com a cabeça enquanto abotoava cuidadosamente o casaco para não dar a impressão de que estava ansioso para me afastar dali por causa da presença dele //

— o fato de o rapaz ser baixo me deu um pouco de tranquilidade (desconhecidos com estatura totêmica geralmente me amedrontam ou intimidam) //

— não demonstrei nervosismo enquanto punha as luvas //

— de repente me senti inexplicavelmente eufórico //

— percebi tudo ao meu redor com outros olhos //

— ele era um policial comum que apenas havia ido até o meu prédio para buscar informações sobre o incidente da última madrugada (as sonoras batidas na porta) //

— algum inquilino que fora despertado pela algazarra havia finalmente prestado queixa na delegacia //

— a partir daquele momento deixei de associar (momentaneamente apenas) o policial com a moça que conheci no prédio nessa manhã: eles provavelmente não se conheciam! //

— a moça saíra do prédio mais cedo sem se deparar com o policial na calçada //

— pus os óculos de sol sem dar qualquer atenção ao (simplório) policial parado emudecido na calçada //

— porém não pude me conter por mais tempo e contei com certa precipitação que ouvira gritos na calçada à meia-noite e depois também pancadas violentas na porta de entrada //

— ora o policial não havia me perguntado nada! //

— sequer me cumprimentara com a cabeça //

— a minha fala atabalhoada talvez o tenha deixado com a pulga atrás da orelha pois me encarou com o cenho franzido //

— senti que eu não devia ter lhe passado essa informação como se realmente acreditasse que ele viera até ali apenas para colher depoimentos sobre o referido incidente //

— de repente quis agarrar-me de novo à minha emaranhada tese totêmica mas não estava plenamente convencido de que à noite aquele policial inofensivo fosse um drogado e um arruaceiro //

— (é claro que essa é a tese que defendo hoje!) //

— (tese que venho aprimorando ao longo dos anos e na qual não espero nunca pôr o ponto final) //

— como não convinha eu me despedir abruptamente do pequeno policial (ainda não sabia quem ele era!) perguntei polidamente se ele não queria entrar para conversar com o *concierge* //

— o anão certamente confirmaria meu depoimento... //

— o policial me perguntou amistosamente de onde eu era //

— do Brasil eu disse mas ao ouvir isso ele prontamente respondeu que eu não parecia brasileiro //

— senti um frio na espinha pois passei a temer que ele concluísse que a minha identidade era falsa //

— logo ele que de noite era uma coisa (um fora da lei) e de dia outra (a lei)! //

— se ele questionasse mais a minha nacionalidade (ou a minha identidade) eu acabaria sendo levado algemado para a delegacia mais próxima //

— percebi o absurdo da situação: o rapaz à minha frente quase pusera abaixo a porta do prédio mas agora eu não podia denunciá-lo //

— ele sim deveria ser levado à delegacia para prestar esclarecimentos e pagar quem sabe uma multa vultosa //

— ora o arruaceiro era justamente o representante da lei e só eu acabaria sendo considerado um transgressor se o acusasse de algo! //

— eu estava na corda bamba: ele de fato poderia me conduzir à delegacia sob o pretexto de que eu agia de modo suspeito //

— o delegado provavelmente era um brutamontes xenófobo que exigiria a minha deportação até mesmo depois que eu provasse a todos que era apenas um estudante sul-americano com os papéis em ordem //

— disse comigo mesmo como que ensaiando o discurso que proferiria diante do delegado que o meu rosto se parecia muito com o do meu avô que morava no Brasil //

— eu poderia inclusive lhe mostrar uma foto de nós dois juntos //

— não quis porém resumir esse argumento ao próprio policial pois não fazia ideia da decisão que ele iria tomar a respeito do meu destino nessa manhã //

— apenas tirei meus óculos escuros (as luvas dificultaram um pouco a tarefa) para lhe mostrar que eu não tinha nada a esconder //

— ele não pediu os meus documentos (que estavam comigo) e disse com amabilidade que eu poderia me dirigir ao Centre Pompidou se assim desejasse //

— curiosamente eu não havia dito nada a ele sobre o meu plano de ir ao Beaubourg mas o policial era experiente (apesar de muito jovem) e deve ter percebido que eu era apenas um pesquisador recém-chegado a Paris //

— agradeci com um amplo sorriso de alívio e me afastei sem hesitação como se ele me tivesse dado o empurrão de que eu necessitava para começar finalmente a minha jornada parisiense //

— pois caminhei a passos largos //

— a moça totêmica me aconselhara a andar suavemente mas isso só valia para o meu deslocamento pelo quarto //

— e ainda assim nas horas mortas //

— de certa maneira eu também poderia afirmar que de madrugada eu estaria sempre equilibrado nos ombros da moça do segundo andar formando com ela um totem... //

— o policial permaneceu em pé diante do prédio (olhei para trás com a desculpa de que precisava verificar o fluxo dos veículos que iam e vinham antes de cruzar a rua) //

— de longe sua aparência vaga era apenas a de um rapaz aguardando a moça que já havia saído fazia horas! //

— mais cedo ou mais tarde o anão abriria a porta da frente para falar com ele e talvez o convidasse a entrar //

— sorri imaginando que o deplorável bêbado da madrugada regressara fantasiado de policial respeitável para sob o sol da manhã ganhar de volta a sua companheira que havia se separado dele saltando dos seus ombros totêmicos para o chão //

— o que mais me importava nesse momento era a constatação de que eu estava me afastando cada vez mais do totem alucinado (ou da sua parte inferior) //

— a imagem final que eu guardei dele foi a de sua solidão //

— na verdade a tese sobre o retorno do arruaceiro curado da bebedeira e vestido de policial era muito mirabolante para ser levada a sério em qualquer época //

— a minha convicção de que existiu (em algum momento da minha vida) um certo Sr. MoNo (o místico que se *mostrou* mas não *vociferou*) não me autorizava a declarar reais os seus supostos porta-vozes selvagens que me "despertaram" em Paris //

— no entanto nunca consegui apagar o totem vociferante das minhas lembranças //

— a visão dele me acompanhou quando alguns meses depois tomei o voo de volta para o Brasil //

— e se mantém viva... //

— certamente pude usufruir na segunda manhã em Paris de uma imensa sensação de liberdade mas não ousei dizer a mim mesmo que havia me livrado definitivamente do totem material que me chamara em vão duas vezes para a rua e depois ainda tentara me ensinar como andar no meu próprio quarto //

— senti que me deslocava pela cidade com as minhas próprias pernas embora orientado talvez como acredito hoje pelo desvairado totem circense que eu havia convocado (invocado) inconscientemente dois dias atrás ao descer do avião ou horas depois ao hospedar-me afoitamente para economizar tempo e dinheiro no hotel mais sinistro da cidade //

— só me resta declarar mais uma vez e sem titubear que o policial em pé diante do meu estúdio parisiense não era um policial qualquer mas sim o segundo membro do totem sonorizado que quis me alertar na melhor das hipóteses na minha primeira noite em Paris para o fato de que eu ainda não havia saído mentalmente do meu país de origem //

— o totem esganiçado da madrugada me pediu que eu aceitasse a minha nova identidade (a de recém-chegado a terras estrangeiras) a fim de poder seguir em frente com as minhas próprias pernas //

— da perspectiva totêmica o risco que eu corria era ficar hesitando entre o passo bem dado e o passo mal dado sem me deslocar verdadeiramente pela Cidade Luz //

— como se eu ainda andasse em círculos no meu cubículo na Cidade Morena //

— então o totem me chamou e me fez andar.

O

Totem

Me

Chamou

E

Me

Ensinou

O

Passo do macaco... e depois...

***

E depois...

***

...

Posfácio UM

O "espectador" é, neste poema dramático, o "autor". Todos os "espíritos" lhe prestam reverência e são criação sua.

Ele possui seis faces.

***

Contudo, o "espectador" pode ser dispensado deste poema: ele é só um manequim.

O autor

Posfácio DOIS

Um artista latino-americano radicado na Europa (Lucio Fontana) rasgou a superfície da tela revelando o buraco negro atrás dela.

Um artista europeu (Piero Manzoni) costurou a superfície da tela assegurando para si a parte da matéria que o buraco negro não havia sugado.

Lucio é a base do totem, e Manzoni está em pé nos seus ombros.

***

Esse totem me apareceu recentemente.

O autor

Esta obra foi composta em Palatino Linotype e Century725 Cn Bt,
publicado on-line pelo Autor em setembro de 2020.
https://medeirossergio.blogspot.com/

Sérgio Medeiros é
poeta e artista visual.

2M 2020